

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
CURSO DE PSICOLOGIA**

ANA CLAUDIA LEO DIAN

**OS EFEITOS DAS FALHAS AMBIENTAIS NO DESENVOLVIMENTO
PSICOSSEXUAL: UM OLHAR PSICANALÍTICO**

**ATIBAIA
2020**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
CURSO DE PSICOLOGIA**

ANA CLAUDIA LEO DIAN

**OS EFEITOS DAS FALHAS AMBIENTAIS NO DESENVOLVIMENTO
PSICOSSEXUAL: UM OLHAR PSICANALÍTICO**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia no Centro Universitário UNIFAAT, sob a orientação do Prof. Me. Rafael da Nova Favarin

**ATIBAIA
2020**

ANA CLAUDIA LEO DIAN

OS EFEITOS DAS FALHAS AMBIENTAIS NO DESENVOLVIMENTO

PSICOSSEXUAL: UM OLHAR PSICANALÍTICO

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia, para apreciação da Professor Orientador Me. Rafael da Nova Favarin, que após sua análise considerou o Trabalho _____ com conceito _____.

Atibaia, SP, _____ de _____ de 2020.

Prof. Orientador Me. Rafael da Nova Favarin

RESUMO

A infância é um período do desenvolvimento humano onde muitas coisas acontecem. É quando são formadas as primeiras percepções dos indivíduos acerca do mundo com o qual interagem, é a fase em que mais mudanças ocorrem dentro de um determinado espaço de tempo, e além disso é também a época em que os seres humanos tem a maior plasticidade cerebral, ou seja, são mais flexíveis. Levando isso em consideração, essa etapa da vida é compreendida como um alicerce, que influenciará a construção das demais etapas da vida. É compreensível que diversos autores ao longo dos anos tenham passado a se dedicar a esse estudo. Dentre os que deixaram marcas mais significativas, está Sigmund Freud. O pai da psicanálise revolucionou os estudos do desenvolvimento infantil com sua teoria psicosssexual, onde ele busca destrinchar isso que chamamos de “infância” em fases ainda mais específicas com demandas particulares. É a partir dessa teoria que o presente trabalho visou entender como se dá essa influência da puerícia sobre as fases subsequentes, em especial do ponto de vista psicopatológico. Em outras palavras, a pesquisa teve por objetivo compreender as etapas do desenvolvimento psicosssexual para Freud durante a primeira infância investigando o quê, exatamente, acerca da infância pode causar - ou até mesmo evitar - as psicopatologias. O método empregado na presente pesquisa foi de levantamento de literatura bibliográfica de forma não sistematizada, através de uma revisão de literatura, tanto de obras freudianas quanto de outros teóricos alinhados à psicanálise, tornando-se possíveis duas maiores conclusões: uma é que existem fatores comuns associados a segurança que contribuem para a constituição patogênica, e a outra é que a definição de patologia não é tão simples, visto que todos os seres humanos têm a propensão para desenvolvê-las. Com este estudo, foi possível entender a infância e suas conveniências peculiares e compreender como as falhas ambientais trazem riscos patológicos.

Palavras-chave: Infância. Falhas Ambientais. Psicopatologia. Psicanálise.

ABSTRACT

Childhood is a period of human development where many things happen. It is when the first perceptions of individuals are formed about the world with which they interact, it is the phase in which more changes occur within a certain period of time, and in addition it is also the time when human beings have the greatest brain plasticity, that is, they are more flexible. Taking this into account, this stage of life is understood as a foundation, which will influence the construction of other stages of life. It is understandable that several authors over the years have started to dedicate themselves to this study. Among those who left the most significant marks is Sigmund Freud. The father of psychoanalysis revolutionized child development studies with his psychosexual theory, where he seeks to unravel what we call "childhood" in even more specific phases with particular demands. It is from this theory that the present work aimed to understand how this childcare influence occurs in subsequent phases, especially from a psychopathological point of view. In other words, the research aimed to understand the stages of psychosexual development for Freud during early childhood by investigating what, exactly, about childhood can cause - or even prevent - psychopathologies. The method used in this research was to survey bibliographic literature in a non-systematic way, through a literature review, both of Freudian works and of other theorists aligned with psychoanalysis, making two major conclusions possible: one is that there are common factors associated with security that contribute to the pathogenic constitution, and the other is that the definition of pathology is not so simple, since all human beings have the propensity to develop them. With this study, it was possible to understand childhood and its peculiar conveniences and understand how environmental failures bring pathological risks.

Keywords: Childhood. Environmental failures. Psychopathology. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
METODOLOGIA.....	09
1. O DESENVOLVIMENTO DA LIBIDO	10
2. AS FALHAS AMBIENTAIS E SEUS EFEITOS	16
DISCUSSÃO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Levando em consideração toda a história da humanidade, a preocupação com as demandas específicas de cada faixa etária é relativamente recente. O estudo da obra de Ariès (1981), permite a análise da transformação da concepção de infância para a sociedade ocidental desde a idade média, quando essa distinção primeiramente demonstrou sua relevância.

Anteriormente a isto, as divisões se davam meramente por nomenclaturas que destacavam alguma característica essencial de cada etapa da vida, como era o caso das crianças, chamadas de *infans*, devido ao fato de que ainda não sabiam falar e se expressar. Foi com a ascensão da educação e das escolas, que o olhar sobre as idades começou a mudar.

Primeiro, os jovens foram diferenciados dos mais velhos pelo nível de conhecimento, depois, graças a sua fraqueza e vulnerabilidade, foi feita a distinção entre criança e adolescente. Somente mais tarde, no século XIX, com a explosão de textos pedagógicos e a transformação das demandas, foi que a criança assumiu o papel que vemos na atualidade: ser preparada para a vida adulta (ARIÈS, 1981).

Faz sentido que após essa mudança de mentalidade, a atenção para as demandas da infância tenham recebido algum destaque, mesmo que ainda distantes do que se conhece atualmente, e que pensadores passassem a se ocupar de tais questionamentos, preocupando-se com as condições de desenvolvimento humano e suas repercussões na adultez.

Dentro do campo de conhecimento que hoje chamamos psicologia, Sigmund Freud foi e continua sendo um dos autores que revolucionou os estudos do mundo infantil com sua teoria psicossexual. Seus estudos são fundamentais para a compreensão da psicanálise, uma das abordagens amplamente aceitas em nossa sociedade no que concerne ao estudo da constituição psíquica do ser humano. Assim, uma análise da infância sob a ótica psicanalítica é pertinente na busca pelo entendimento das demandas dessa etapa do desenvolvimento.

De acordo com Couto (2017), Freud acreditava que a experiência da infância tem uma forte influência sobre a personalidade adulta. Segundo Freud (1905/1996, apud COUTO, 2017), existem cinco fases universais do desenvolvimento, que são chamadas de fases psicossexuais, sendo elas fase oral, fase anal, fase fálica

(momento onde eclode o complexo de Édipo), fase de latência e por último, a fase genital. Cada uma delas possui características e relevâncias para a vida adulta. Freud acreditava que a estrutura psíquica, oriunda do desfecho do Complexo de Édipo seria decidida neste período, por volta dos cinco anos de idade, quando conclui-se a primeira infância e quando o indivíduo provavelmente já desenvolveu as estratégias para a expressão dos seus impulsos, estratégias essas que estabelecem sua relação diante de sua realidade.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo geral, compreender as etapas do desenvolvimento psicosssexual para Freud durante a primeira infância. O recorte deste estudo, compreende a faixa etária que segue do nascimento aos 4 anos de idade, período onde Freud construirá um aporte teórico e metapsicológico sobre o desenvolvimento da libido nos anos iniciais. Desta forma, a pesquisa buscará entender as principais características deste período e identificar quais os possíveis fatores que podem afetar cada fase.

Baseado nas ideias de Dolto (1971), entende-se que atravessar a primeira infância, é constituir-se de marcas psíquicas, formadoras da subjetividade humana. O histórico dessas fases na primeira infância permitiria assim, compreender sintomas que podem ser desencadeados na vida adulta do sujeito, tais como anomalias, desde as simples singularidades até os graves distúrbios de adaptação à sociedade.

É o estreito espaço entre o desenvolvimento geral ao desenvolvimento libidinal que explica a decorrência e seus efeitos inevitáveis na idade adulta. Um distúrbio funcional na esfera genital, por exemplo na fase oral, está inevitavelmente vinculado a perturbações de ordem afetiva e, inversamente, as perturbações de ordem afetiva resultam sempre em um comportamento sexual característico (FREUD, 1905/1969).

É por isso que, na complexidade dos sintomas observados quando o indivíduo vem à consulta, é de suma importância considerar o sintoma funcional para uma atuação terapêutica efetiva, do contrário, se este sintoma é menosprezado, o processo terapêutico será apenas um aliviador da realidade, um simples calmante, sem nenhum processo de tratamento.

O problema de pesquisa parte da seguinte pergunta: O que as falhas ambientais na primeira infância podem acarretar à idade adulta? Ou seja, a pesquisa tentará identificar, sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades, os efeitos

das marcas psíquicas oriundas da primeira infância. A pesquisadora tem como problemática os impactos que podem ocorrer na vida adulta quando ocorrem falhas no desenvolvimento da primeira infância. A partir deste problema, levantou-se uma hipótese de que quando as fases de desenvolvimento não são vivenciadas pelo indivíduo de maneira adequada - de maneira a atender as demandas específicas de cada fase - poderão acarretar problemas psicopatológicos quando adultos.

No que se refere a relevância em desenvolver esta pesquisa, entende-se que, no âmbito pessoal, esta pesquisadora pretende compreender de maneira aprofundada as fases do desenvolvimento humano, tendo a pretensão de exercer a profissão voltada a crianças e, conseqüentemente, proporcionando maior aptidão teórico-prática. Na esfera social espera-se compreender um pouco da primeira infância, beneficiando crianças e seus responsáveis com o trabalho que é realizado pelos psicólogos, com o intuito de ajudar pessoas com transtornos oriundos desta fase. No âmbito acadêmico e científico, acredita-se que esta pesquisa poderá contribuir com a obtenção de informações a respeito do tema, apurando os conteúdos envolvidos em determinados momentos da fase de desenvolvimento da criança e possibilitando novos estudos.

Espera-se que ao final da pesquisa sejam encontradas maneiras eficazes e fundamentais no auxílio de profissionais da área da psicologia, para trabalharem com a psicopatologias oriundas da primeira infância e na compreensão de alguns sintomas. E além disso, também espera-se que através de uma argumentação lógica e acessível, esse trabalho possa abrir as portas para pensar a psicanálise como ferramenta para além da psicologia, podendo auxiliar a atuação de diversos profissionais de áreas afins.

Para este fim, o presente trabalho contará com dois capítulos. O primeiro, que se propõe a explorar o desenvolvimento libidinal através dos estágios ou fases psicosssexuais, incluindo os pontos de fixação e a compulsão à repetição. O segundo e último, que tem por objetivo discorrer em pormenores sobre as possíveis falhas ambientais e seus efeitos na vida adulta do indivíduo.

METODOLOGIA

Para o delineamento metodológico da presente pesquisa foi realizado levantamento de literatura bibliográfica de forma não sistematizada, uma vez que buscou-se analisar e organizar de maneira geral o conhecimento produzido acerca do desenvolvimento da primeira infância, segundo uma perspectiva psicanalítica.

As bases de dados usadas para o levantamento, além dos textos indicados por orientação, foram: Google Acadêmico, Catálogo de Teses e Dissertações do CAPES e SciELO. As palavras-chave usadas para a pesquisa foram: desenvolvimento, psicosssexual, bebês, infância, psicanálise, falhas ambientais, consequências, psicopatologia, patologia, neuroses.

Não houve critérios de inclusão ou exclusão propriamente ditos no momento de seleção dos textos. As obras freudianas foram selecionadas de duas maneiras, indicação do professor orientador, ou quando fossem citadas durante alguma outra leitura, para serem consultadas na íntegra. Já os artigos e dissertações foram selecionados com base em seus resumos, desde que estivessem dentro do tema do trabalho. Outro fator utilizado para dar preferência aos textos acadêmicos foi o tipo de trabalho realizado, onde publicações que tivessem uma abordagem mais geral acerca do assunto ou da obra de algum outro autor citado, tiveram destaque.

O período de levantamento de obras a serem utilizadas foi de maio a setembro de 2020.

1. O DESENVOLVIMENTO DA LIBIDO

O tema da sexualidade é permanente e basilar em Freud. Como veremos ao longo deste trabalho, ele está conectado de alguma forma a cada demanda clínica estudada pelo pai da psicanálise. Isso, porque, para ele, a palavra sexualidade não tem necessariamente o mesmo significado que para a sociedade em geral, tendo um sentido mais abrangente. No capítulo XXI dos estudos introdutórios à psicanálise (1917/1996), Freud se vale de uma explicação didática para elucidar esse ponto: se é verdade que sabemos que nem tudo que gera prazer é genital, por que a definição de sexual devia estar restrita aos órgãos genitais?

A problemática da sexualidade infantil, ainda hoje enfrenta diversas polêmicas, e novamente, no mesmo texto, ele traz questionamentos pertinentes que colocam em xeque essas resistências:

Podem os senhores, porém, dizer quando esse prazer do órgão, originalmente indiferente, adquire o caráter sexual que indubitavelmente possui em fases posteriores do desenvolvimento? [...] Os senhores responderão que ele adquire caráter sexual precisamente quando os genitais começam a desempenhar seu papel; “sexual” coincide com “genital”. Por conseguinte, posso agora descrever-lhes a forma que toma a vida sexual da criança, antes do estabelecimento da primazia dos genitais: essa primazia já tem seus preparativos no primeiro período da infância. (FREUD, 1917/1996, p.55).

Freud destaca que mesmo que a sexualidade infantil não tenha as mesmas funções que a sexualidade adulta, não quer dizer que ela não exista. Muito pelo contrário, é através dela que determina-se a organização sexual na adultez. Ele descreve pulsões parciais anárquicas pré-genitais, que eventualmente estará subordinada à primazia genital e à sujeição à função reprodutiva (1917/1996).

Antes de aprofundar as características das pulsões parciais, divididas pelo autor em fases sucessivas de desenvolvimento psicosexual, faz-se necessária a melhor compreensão do conceito de pulsão.

Fulgencio (2002) descreve pulsão como uma força psíquica que empurra o organismo para descarregar uma pressão dada numa determinada região ou órgão, ou uma excitação que precisa de descarga. Paim Filho (2010) ainda lembra que Freud, em conexão com esse princípio, em 1900 e nos textos metapsicológicos de 1915, ensina que o desejo é a mola propulsora do psiquismo. Sendo assim, fica aqui evidenciada a característica essencial da pulsão, e quiçá da natureza humana, o hedonismo, também verificado por Freud e chamado de princípio do prazer.

Para Freud, verifica-se que as pulsões de maior interesse são as pulsões

sexuais, cuja energia chamamos de libido (FREUD, 1933/1976). Fulgencio (2002), postula que a teoria do desenvolvimento da libido corresponde à parte especulativa da teoria do desenvolvimento da sexualidade que, subdividida em fases (oral, anal, fálica, genital), explica uma série de comportamentos observáveis, associando-os à teoria da energia sexual (libido) que investe em determinados objetos, de diferentes modos, segundo as fases do desenvolvimento.

Essas fases do desenvolvimento são assim denominadas por serem áreas de grande interesse das crianças durante esses períodos específicos, como descreve Freud em suas Cinco lições de psicanálise:

A pulsão sexual se nos apresenta muito complexa, podendo ser desmembrada em vários componentes de origem diversa. Antes de tudo, é independente da função procriadora a cujo serviço mais tarde se há de pôr. Serve para dar ensejo a diversas espécies de sensações agradáveis que nós, pelas suas analogias e conexões, englobamos como prazer sexual. A principal fonte de prazer sexual infantil é a excitação apropriada de determinadas partes do corpo particularmente excitáveis, além dos órgãos genitais, como sejam os orifícios da boca, ânus e uretra e também a pele e outras superfícies sensoriais. (FREUD, 1910/1980, p.30).

Assim, temos: a fase oral, que de forma cronológica pode ser entendida entre o nascimento até o desmame, por volta de um a dois anos de idade; a fase anal, que se inicia em torno de dois e três anos de idade; e a fase fálica, que tem o seu apogeu em torno dos cinco anos, concomitante à dissolução do complexo de Édipo. Todavia, é bom salientar que o determinante de cada fase são as transformações que ocorrem em cada uma dessas etapas durante o desenvolvimento do indivíduo, em detrimento da idade, interessando-nos mais sua lógica do que sua cronologia.

Em 1905, Freud evidenciou três características da sexualidade infantil a saber: origina-se a partir de uma função somática, é autoerótica e o alvo sexual se acha sob domínio de uma zona erógena. A primeira, pois a atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas; a segunda pelo interesse da criança no funcionamento do próprio corpo e seus produtos, e a terceira pelo caráter não genital das pulsões parciais (FREUD, 1905/1969).

Segundo sua obra, a fase mais primitiva, então, é a fase oral. Freud (1917/1996), diz que o primeiro objeto do componente oral da pulsão sexual é o seio materno, que satisfaz a necessidade de alimento do bebê. O componente erótico, que é satisfeito durante a sucção, torna-se independente com o ato de sugar, abandona o objeto externo e o substitui por uma área do corpo do próprio bebê,

tornando-se autoerótica. Dessa forma, é possível concluir que a mãe é o primeiro objeto de amor. Nessa época, o trabalho psíquico no que se refere ao recalque já começou - que consiste em subtrair da consciência a parte dos fins sexuais de seus comportamentos.

A próxima é a fase anal, ou sádico-anal, onde a energia que antes era direcionada para a região da boca, é direcionada para a região do ânus. O ato de defecar ou até mesmo de reter as fezes pelo controle esfinteriano, passa a provocar prazer sexual. Também aqui, a criança pode demonstrar um apreço pelo produto da digestão, entendendo como parte de seu próprio corpo e, talvez, posteriormente, como um “bebê” - uma vez que, segundo a teoria da cloaca, ela equipara o caminho das fezes ao caminho percorrido por um nascituro (FREUD, 1905/1969).

É válido dizer que em tudo o que antecede a organização psicosexual em torno da primazia genital, a oposição entre masculino e feminino ainda não desempenha nenhum papel. Em lugar disso, a oposição se estabelece entre ativo e passivo, que pode ser compreendida como precursora da polaridade sexual (FREUD, 1917/1996).

Algo muito comum durante as fases pré-genitais são as teorizações sexuais, ligadas à pulsão escópica, em que o desejo pelo saber faz as crianças hipotetizarem sobre seu mundo, misturando observação e fantasia. Algumas delas vão pensar que todos têm genitálias idênticas, questionamentos sobre a origem dos bebês e há uma possível natureza hostil do sexo - onde ele pode ser entendido como disputa física (FREUD, 1905/1996).

Logo após a fase anal, os genitais começam a ganhar protagonismo, iniciando-se a fase fálica, onde começa a comparação entre meninos e meninas pela presença ou ausência do pênis, no que concerne às teorias sobre as diferenças anatômicas e sobre a castração.

A zona erógena do menino é o pênis, e da menina é o clitóris. Aqui, figura o complexo de castração, que, segundo Freud (1924/2006), virá a ser o responsável pela dissolução do complexo de Édipo. O complexo de castração se dá nos meninos ao se compararem com as meninas, pois imaginam que, pela ausência do pênis, este tenha sido tirado delas, temendo que ocorra o mesmo com o seu. Para as meninas, a ausência do pênis será sentida como um dano sofrido, dano este ao qual elas procurarão negar, compensar ou reparar (LAPLANCHE;PONTALIS,

2004).

Nessa fase, o desmonte do complexo de Édipo - definido por Lacan (1956-1957/1995) como uma função simbólica que se dá pela linguagem, o pai aparece na forma de Lei, para privar a criança de uma fusão com sua mãe, interditando-a, no que representa um marco no desenvolvimento e na constituição psíquica da criança. Para este autor, a castração representa um operador simbólico que lança o sujeito às suas vicissitudes ao longo de sua vida.

Freud (1924/2006) explica que isso ocorre em ambos os sexos. Para os meninos, estes desenvolvem uma “devoção” pela mãe, enquanto nutrem um sentimento de ódio e competitividade pelo pai. Contudo, tanto pela iminente possível castração, quanto pela própria percepção do falo - e consequente similaridade com o pai -, abandona o complexo de Édipo. As meninas tem um detalhe a mais, pois assumem um processo de dissolução mais complexo, onde em tese devem passar por duas mudanças determinantes para tal: a) a mudança (total ou parcial) da zona erógena para a vagina e b) uma troca de objeto de devoção da mãe para o pai, onde a mãe passa a ser sua competidora. Seu complexo de Édipo se dissolve por abandono, por impossibilidade de realização de seu desejo em ter um pênis, ou então pela impossibilidade de ter um filho de seu pai. O que ocorre em ambos, é separação da díade simbiótica a partir da triangulação edípica que, poderá instaurar no sujeito defesas neuróticas, úteis para a sua relação diante da cultura e da sociedade.

Assim, preterindo seus objetos em prol da preservação narcísica de seu órgão genital, a criança tem a autoridade dos pais introjetada no Ego, dando luz ao Superego, que vai garantir, através da moralidade, a proibição do incesto e a supressão de seus desejos edipianos - que serão adormecidos temporariamente e sublimados. Após esse processo, entra em cena a fase de latência.

O período de latência marca o fim da era pré-genital da sexualidade. Graças à ação do Superego, herdeiro inconteste do complexo de Édipo, definidor das normas sociais e do pudor (FORTES, 2014). Nessa fase, a atividade sexual limita-se às fantasias e os jovens se engajam em atividades culturais. A maturação sexual só ocorrerá quando os tabus impostos pela sociedade puderem ser respeitados.

Durante a transição para a puberdade, acontece um processo descrito por Freud (1910/1980) como a maré das necessidades sexuais que encontra nas reações psíquicas diques de resistência que lhe conduzem à corrente pelos

caminhos chamados normais e lhe impedem reviver os impulsos recalçados.

Sobre a maturação sexual ele diz:

Assim, o desenvolvimento subsequente, para dar ao assunto toda a concisão possível, tem dois objetivos: primeiro, o abandono do auto-erotismo, logo, a substituição do corpo da própria criança por um objeto externo; e, em segundo lugar, a unificação dos diversos objetos das pulsões separados e sua substituição por um único objeto. Naturalmente isto só pode ser realizado se o objeto, de novo, for um corpo total, semelhante ao do próprio sujeito. E não pode ser efetuado, a menos que alguns impulsos pulsionais auto-eróticos sejam abandonados como inúteis. (FREUD, 1917/1996, p.59).

A sexualidade adulta, então, torna-se organizada em torno de um único objeto da pulsão sexual, podendo até contar com elementos das fases pré- genitais, porém agora em outra configuração. Todas as pulsões parciais se subordinam à primazia genital e, também, à procriação.

Contudo, outro elemento também é muito importante. Com a ação do superego e a moralidade quase que camuflada, a pulsão sexual, sempre governada pelo princípio do prazer, não consegue fugir à experiência primária de satisfação, em um tempo em que os desejos não eram suprimidos, visando esse reencontro original.

Conforme Paim Filho, a respeito dessa questão destaca que:

O psiquismo é regido pelo princípio do prazer versus o princípio da realidade, sendo a busca do prazer a grande meta das representações desejantes da pulsão sexual. Com essa premissa constituída, mais a ideia de pontos de fixação da libido, no decorrer do desenvolvimento libidinal, tem-se estabelecido que a compulsão à repetição é produto da história erótica de cada sujeito. E está comprometida com a busca do prazer, visando reviver o que foi gratificante em algum momento do passado esquecido. (PAIM FILHO, 2010, p.119).

Portanto, pode-se dizer, que permanecem evidências sexuais primitivas, uma marca constituinte da sexualidade, que favorecem e porque não dizer, determinam, certas repetições, “[...] um clichê estereotípico (ou diversos deles), constantemente repetido no decorrer da vida da pessoa, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos a ela acessíveis permitam” (FREUD, 1912/1996, p.133-134).

Desta forma, compreende-se que esta repetição se caracteriza tal como uma compulsão, sendo que compulsão é uma pulsão com mais intensidade quando investida em uma inscrição psíquica, determina uma trilha a ser seguida, os destinos que levam à repetição (PAIM FILHO, 2010).

Contudo, é válido dizer que a compulsão à repetição não permanece restrita a vivências de prazer. Freud em 1920 traz a informação de que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, possibilitando a conclusão de que a repetição a serviço do princípio do prazer é uma forma de apresentação da resistência do inconsciente recalçado, enquanto a compulsão à repetição do além do princípio do prazer é uma resistência do inconsciente não recalçado (FULGENCIO, 2002). A autora usa o exemplo da pulsão de morte, dizendo que esta, por não ter objeto e ter como finalidade a descarga e não a satisfação, pode ser enlaçada pela pulsão sexual.

Fica claro, quando olhado através da lente da psicanálise, o papel essencial da sexualidade na trama da vida. Tudo que é característico da sexualidade na adultez tem seu trajeto traçado desde a infância.

Freud especula sobre isso em 1917, argumentando que não faria sentido a libido regredir de maneira tão regular à infância sem que ali houvesse algum tipo de atração. A própria fixação nos pontos de desenvolvimento só se faz possível supondo existir uma concentração de energia libidinal (FREUD, 1917/1996).

Então, existe aqui uma evidente fonte de informações para compreender a infância e seus processos, de forma a otimizar a observação de sintomas que possam vir a resultar em psicopatologias na vida adulta. Essa demanda é real e o próprio autor já falava disso, quando escreveu sobre neuroses infantis, que deixam de ser notadas por serem consideradas sinais de crianças “arteiras”, mas na verdade sendo bem comuns e podendo se agravar cada vez mais.

Como ele mesmo disse:

As experiências infantis exigem uma consideração especial. Elas determinam as mais importantes conseqüências, porque ocorrem numa época de desenvolvimento incompleto e, por essa mesma razão, são capazes de ter efeitos traumáticos. (FREUD, 1917/1996, p.80).

Sendo assim, encerra-se o primeiro capítulo da pesquisa vigente, que teve por objetivo traçar o desenvolvimento da libido e elucidar os pontos críticos da teoria de desenvolvimento psicosssexual Freudiana, para, desse modo, tornar possível a discussão do segundo capítulo, onde se farão presente exemplo de possíveis falhas ambientais ao longo da primeira infância e seus efeitos posteriores.

2. AS FALHAS AMBIENTAIS E SEUS EFEITOS

Como foi possível observar na decorrência do primeiro capítulo, a infância conquistou, dentro da psicanálise, um lugar de destaque. Seu caráter formativo chama atenção pelo fato de que muito da vida de um indivíduo adulto pode ser determinado pelos acontecimentos durante essa fase. A infância, é então, compreendida como um período de constituição do que *virá a ser*.

Ao longo da segunda parte do presente texto, o objetivo será explorar o processo de formação subjetiva do indivíduo, bem como perpassar por fatores determinantes do “arremate” do desenvolvimento humano, segundo a psicanálise. Freud ainda exercerá função de âncora teórica para as discussões aqui apresentadas, no entanto, contribuições de outros autores como Winnicott e Lacan, serão bem-vindas no amparo da argumentação.

Assim, espera-se que ao final do capítulo seja viável ter, de maneira clara, uma noção do que compõe um adulto saudável em comparação a um adulto que apresenta psicopatologias, elencando os entraves desenvolvimentais tidos como possíveis causas.

Atendendo a um debate frequente dentro da psicologia, Freud (1905) discute sobre os níveis de influência de fatores hereditários e ambientais na formação do sujeito. O autor, ainda mantendo seu enfoque no aspecto psicosssexual do desenvolvimento, admite a possibilidade de variações na disposição originária que levem necessariamente, e sem a ajuda de outros fatores, à configuração de uma vida sexual anormal. Ao mesmo tempo, salienta que através da prática clínica, percebeu a relevância dos fatores ambientais, ou acidentais. Desse modo, argumenta para a importância de não se sobrepor nenhum em relação ao outro, e entendê-los como processos cooperativos, não exclusivos (FREUD, 1905).

Quando falamos em fatores ambientais ou acidentais, estamos falando das coisas exteriores ao sujeito, sendo esse o foco do presente trabalho, explicitando assim sua predominância durante a discussão. Outro psicanalista que traz luz aos elementos externos nesse contexto é Winnicott. Ele entende a dependência do bebê em relação ao ambiente como fator decisivo para seu desenvolvimento emocional, e ainda, em uma de suas fases mais célebres,

onde diz que o que chamam de bebê não existe, esclarece que só é possível falar deste bebê englobando o meio ambiente que o circunda (WINNICOTT, 1958d/2000 apud KLATAU; SALEM, 2009).

Faz-se importante, então, nesse momento, determinar o que entende-se por “ambiente” na vida de um infante. Para os autores supracitados, um denominador comum aparece na figura materna, ou então do adulto cuidador que exerce essa função.

Para Freud (1895/1996) é na relação do bebê com a mãe que será produzido o *Nebenmensch*, ou adulto próximo, responsável por apontar um modo específico de adentrar no campo da moral, da cultura e da ética (ALBERTI, 2009).

Souza (2014), a partir das ideias de Lacan, diz que ao interagir com o bebê em momentos de cuidado, manuseando e nomeando suas partes, o adulto favorece o surgimento de um corpo, auxiliando na organização psíquica; e existindo na linguagem, sendo chamado pelos pais, passa a existir enquanto sujeito desejante a partir de sua relação com o outro. Winnicott descreve até processos básicos – como o holding e o handling – como facilitadores do processo de maturação (1968f/2006). Ou seja, é perceptível que, seja quem ocupe a função materna, essa pessoa exerce grande influência sobre a organização subjetiva da criança.

O ambiente também pode ser entendido através de outras pessoas constituintes da vida cotidiana do bebê, como por exemplo os irmãos e irmãs, e até mesmo outros pares. Kahazaya (2014) sobre isso, diz:

Os pequenos semelhantes – bebês, crianças pequenas e seus pares – têm uma participação decisiva na constituição subjetiva. Eles introduzem uma perspectiva inicial. Surgem como um terceiro elemento primário (anterior ao pai) diante da relação primordial com a mãe (ou substituta). O pequeno sujeito, em seus primórdios constitucionais, não pode ser representado isoladamente: ele é formado por verdadeiros campos representacionais que incidem sobre sua constituição. Winnicott já alertava que o bebê não é o bebê, mas sim, ele mais a mãe (ou quem dele cuida). Lacan também afirmava que o sujeito, nas tenras idades, é o sujeito do espelho. Assim, o sujeito está numa dependência tal desta relação, que pode mesmo ser denominada de absoluta, passando bem mais tarde para uma dependência relativa e quem sabe, chegar ao “rumo à independência”. Na medida em que o bebê avança na constituição subjetiva, essa relação vai se desdobrando para outras pessoas e objetos no mundo, o que Winnicott denominou de espaço potencial (p. 125).

Em *Totem e Tabu* (1912-1913/1988), Freud, através do mito da horda, também aborda a questão fraternal, definindo-a como forjada pelo encontro com um semelhante, primeiramente repudiado como um intruso, mas posteriormente unido por um inimigo comum (a figura do pai da horda) e dá tamanha importância a esse fato, que o julga um dos determinantes de toda a nossa organização social.

Kahazaya (2014) corrobora com isso de um ponto de vista semelhante ao postular que:

Devido à incompletude constitucional, muitas vezes o sujeito esbarra acidentalmente com outro pequeno semelhante. Quando esses pequenos se encontram, por mais casualmente que seja, há um entrelaçamento de campos subjetivos. Novamente afirmamos: essa interação não é somente dos bebês. É uma interação do campo bebê, sua mãe (presente ou representada), dos objetos (transicionais ou não), do discurso cultural (que dá significado às interações, antecipando-as e interpretando-as), e tudo o mais que participar da interação (p. 125).

Adentrando o significado literal da palavra “ambiente”, a escola também compõe o conjunto de *lugares* de constituição do sujeito. Ela exerce papel fundamental ao passo em que proporciona à criança, segundo Souza (2014), um afastamento temporário da mãe, de caráter constitutivo do sujeito em devir. Ela diz que “a ausência materna obriga a criança a desenvolver um dispositivo psíquico para sua simbolização [...] introjetando a imagem da mãe, ao ponto de conseguir ficar longe dela, desenvolvendo recursos para simbolizar sua presença” (p. 83). Assim, ainda para a mesma autora, entendemos que o ponto essencial da chegada de um bebê na creche, sua primeira experiência escolar, é a existência da possibilidade deste bebê se abrir ao estabelecimento de novos laços.

Omizzollo (2017), em sua dissertação de mestrado investigou crianças residentes de um abrigo com objetivo de entender processos de continuidade e descontinuidade e seus efeitos no *vir a ser* do sujeito. Ela verificou que mesmo sendo portadores de uma marca primeira (privação da família de origem), existe grande possibilidade de o bebê se desenvolver plenamente. Nesse caso, a presença dos diferentes cuidados providos, os demais profissionais e principalmente a relação entre os pares, entre aqueles que compactuam com um registro tão singular, é determinante ao compor formas distintas de ancoragem, tornando o ambiente, também, suficientemente bom (OMIZZOLLO, 2017).

Com base em tudo o que foi demonstrado, alguns questionamentos acerca dos aspectos comuns a estes contextos começam a tomar forma. Se todos esses

“ambientes” podem oportunizar o desenvolvimento pleno e a constituição do sujeito, é possível, então, que a palavra ambiente na verdade designe algo que lhes é compartilhado?

Winnicott foi um dos autores que se propôs a descrever as condições necessárias para a maturação psicológica do bebê, o que, posteriormente, ficou sumarizado na ideia de confiança. Klautau & Salem (2009) dizem que “A emergência da confiança no início da vida da criança pode ser compreendida como um fenômeno dependente de interações regulares e contínuas que garantam a previsibilidade do seu contato primeiro com o ambiente”.

De um ponto de vista Freudiano, em divergência à noção de Winnicott - onde ela aparece como um fator básico do psiquismo -, a confiança tem função de consequência e desdobramento da pulsão sexual, e estaria condicionada à disponibilidade do outro para a satisfação do sujeito. Em outros termos, o outro tornar-se-ia, aos olhos da criança, digno de confiança à medida que se estabelecesse como alvo da pulsão sexual infantil. (KLAUTAU; SALEM, 2009).

De qualquer forma, ela é um tema comum e parece ter pertinência ao se falar em possíveis falhas ambientais. Cyrulnik (2006) evidencia o alto número de crianças que sofreram abandono, estando elas vagando pelas ruas, em lugares-outras-desconhecidos ou esquecidas nos próprios apartamentos. No entanto, o autor aponta que mais de 30% desta população resgata um caminho resiliente para seguir se desenvolvendo, desde que sua estrutura afetiva e carente se articule à estrutura de um outro, seja indivíduo ou grupo.

Seguindo essa linha, se existem tais evidências de fatores que auxiliam e tem caráter protetivo para as crianças, é possível traçar seus paralelos para entender o que, então, constituem os fatores de risco a esse desenvolvimento saudável.

Klautau & Salem (2009), nesse sentido, defendem que:

Protegendo a criança de choques internos e externos – ou seja, do excesso de excitação pulsional e/ou da imprevisibilidade do ambiente além do tolerável para a criança –, o meio rotineiro e previsível fornece as condições mínimas que fundamentam sua apercepção criativa do mundo, sua experiência inicial de ilusão e seu ainda incipiente sentimento de continuidade. Como observou o psicanalista em sua prática clínica, se exposta a graus intensos de excitação ou imprevisibilidade, a criança é obrigada a abrir mão de sua interferência ativa e criativa sobre o meio, constituindo defesas que recomponham a experiência de segurança e de familiaridade que, inicialmente, são-lhe cuidadosamente oferecidas pela mãe-ambiente (p. 38-39).

Logo, uma dicotomia que fica evidente como crucial para a formação do sujeito, é a díade *continuidade x ruptura*. Não importa quem ou qual seja esse outro-ambiente, o importante é que proporcione ao infante o suprimento de suas demandas e necessidades básicas de maneira estável.

Entretanto, ainda resta um questionamento pertinente ao presente tema. De acordo com Omizzollo (2017), a sensação de desamparo pertence a todo ser humano, de modo que os desejos e necessidades nunca são inteiramente satisfeitos. No entanto, quando essa sensação de falhas no estar-com for vivenciada de maneira excessiva, intolerável, percebemo-nos diante do fenômeno da privação, o que, por sua vez, tende a se tornar traumático. Freud também aborda essa questão na Conferência XXII, ressaltando que há muitas formas de suportar a privação da satisfação libidinal sem sofrer, de modo que nem todos que vivenciaram algum tipo de frustração ou conflito desenvolverão uma neurose (FREUD, 1917/1996). Assim, ele estabelece a existência de um limite, ou seja, há uma quantidade de libido não satisfeita que pode ser suportada (DREHMER, 2011).

Para Freud - que como já foi discutido, enxergava as alterações e disfunções no desenvolvimento psicosssexual não apenas constitucionais mas também externas - as experiências acidentais têm atribuição necessária no que delimita o desamparo que pode ser suportado, e a patologia. Dentro disso, a precocidade e a fixação aparecem como elementares.

Freud, através da descrição dos eventos nos quais o sujeito não conseguia ab-reagir à carga afetiva, definiu o conceito de trauma psíquico (FREUD, 1893a/1996). Além disso, outra característica definidora do trauma seria a evocação de um afeto de susto, que podia também proporcionar dor física, vergonha ou angústia, e ter alguma relação com alguma parte do corpo do indivíduo.

O psicanalista não se satisfaz em apenas determinar o trauma como um evento que não tinha a sua carga de afeto eliminada, como também o qualificou como uma experiência de ordem sexual: o trauma era decorrente de um evento sexual infantil que despertasse um afeto aflitivo por ser de difícil elaboração. Esse evento, qualificado de sedução traumática, ocorreria antes da maturidade sexual e se daria na relação com um adulto (PALMA, 2013).

Sobre a precocidade, ele define que esta

Manifesta-se na interrupção, encurtamento ou encerramento do período infantil de latência, converte-se em causa de perturbações por ocasionar manifestações sexuais que, pelo estado incompleto das inibições sexuais, de um lado, e por ainda não estar desenvolvido o sistema genital, de outro, só podem trazer em si o caráter de perversões. Essas tendências à perversão podem então permanecer como tais ou, instaurado o recalçamento, transformar-se em forças propulsoras de sintomas neuróticos (FREUD, 1905/1969, p. 49).

Já no que concerne a fixação, ele acredita ser possibilitada pela ação conjunta de dois fatores: eventos como a sedução precoce, e a preponderância dos traços mnêmicos na vida anímica (FREUD, 1905/1969).

Ademais, o autor admitiu que era somente após o advento da puberdade que um segundo evento podia associativa e retroativamente fornecer uma significação sexual para a cena infantil. Isso permitiu concluir que todas as circunstâncias decorrentes do trauma, como o aumento de tensão no psiquismo e os mecanismos de defesa subsequentes, não ocorreriam no momento da experiência, mas quando ela passasse a receber uma conotação sexual, fazendo figurar uma lembrança que produziria desprazer (PALMA, 2013), corroborando com a ideia de que o trauma, na verdade, ocorre na lembrança, uma representação psíquica. Assim, também argumenta Farias (1993), a sedução pode se caracterizar não só como uma experiência sexual propriamente dita, como também por uma cena, um acontecimento, um gesto ou uma palavra que se associará a essa conotação.

Outro conceito importante em Freud para a determinação do patológico é o sintoma, que em 1893 foi definido por ele como a representação substituta emergente na consciência, ou seja, a infiltração de ideias recalçadas. O sintoma conta com duas perspectivas essenciais: um vínculo simbólico com sua causação e um caráter de solução para a exigência de satisfação do inconsciente diante do transbordamento de excitação da instância recalçada (FREUD, 1893a/1996).

Ao longo de sua obra, Freud elaborou e lapidou a equação que foi sua tentativa máxima de explicar o que está envolvido na formação das neuroses, a equação etiológica, composta de fatores como condição (fator hereditário necessário mas não suficiente para causar a neurose), causa específica (fatores sempre presentes quando se há efeito, é suficiente se as condições também forem cumpridas), causas auxiliares (fatores que não são necessários nem suficientes mas podem operar em conjunto com a causa específica) e causa precipitante (fator que precede imediatamente o efeito) (WINOGRAD, 2007).

Ela evoluiu, e sua versão final, escrita pouco tempo antes de sua morte, era

a seguinte (WINOGRAD, 2007):

1º nível: intensidade pulsional no momento + experiências infantis = predisposição (fixação da libido + robustez do eu)

2º nível: predisposição + experiências da vida adulta = neurose

Um aspecto dessa equação que merece destaque é a *intensidade pulsional no momento*, que foi justamente a última alteração na fórmula. A intensidade pulsional aparece para representar os aspectos constitucionais, uma vez que Freud entendia que cada indivíduo apresentava intensidades pulsionais singulares que vinham consigo ao mundo. O ponto é que ele percebeu que essa intensidade tem menos relevância do que aquilo que é apresentado a cada momento, como expressão do encontro entre a intensidade pulsional local e o contexto no qual tal intensidade deve ser elaborada psiquicamente (WINOGRAD, 2007).

Tais perspectivas se fazem extremamente úteis para o entendimento de como se dá a manifestação das psicopatologias e, assim, também acaba por facilitar o processo de ligá-las ao momento correspondente na infância. Retornando aos paralelos que foram traçados entre os fatores de proteção e os fatores de risco ao desenvolvimento, novamente podemos recorrer ao que dizem os autores discutidos ao longo dessa pesquisa.

Freud (1913/1996) foi ressaltando que na causação de cada tipo de neurose uma das pulsões parciais domina: a fixação na fase sádico-anal define a neurose obsessivo compulsiva, enquanto a fixação à fase fálica determina a histeria. Para ele, o papel desempenhado pela compulsão por limpeza, pelo excesso de conscienciosidade e de medidas enérgicas tomadas contra si se remetem à neurose obsessiva e se apresentam como formações reativas contra seus próprios impulsos infantis anal-eróticos e sádicos. O mesmo autor, dessa vez em 1905/1969, diz da relação dos bebês com os pais:

Em vista dessa importância do relacionamento infantil com os pais para a escolha posterior do objeto sexual, é fácil compreender que qualquer perturbação desse relacionamento terá as mais graves conseqüências para a vida sexual na maturidade; também ao ciúme dos amantes nunca falta uma raiz infantil, ou pelo menos um reforço infantil. As desavenças entre os pais ou seu casamento infeliz condicionam a mais grave predisposição para o desenvolvimento sexual perturbado ou o adoecimento neurótico dos filhos. A afeição infantil pelos pais é sem dúvida o mais importante, embora não o único, dos vestígios que, reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto. Outros rudimentos com essa mesma origem permitem ao homem, sempre apoiado em sua infância, desenvolver mais de uma orientação sexual e criar condições muito diversificadas para sua escolha objetal (p. 43).

Winnicott, ao trabalhar com crianças que foram separadas de suas famílias dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial, percebeu as estratégias que estas empreendiam para defender-se da imprevisibilidade e recuperar a familiaridade na relação com o ambiente, por exemplo, no recurso às tendências antissociais, no excesso de agressividade ou mesmo na hipertrofia da vida mental (WINNICOTT, 1988).

Winnicott, Bowlby e Miller afirmam que, ao investigar as causas de delinquência persistente, se depararam com mais da metade de casos de crianças que foram separadas quando pequenas por um longo período de suas mães e do ambiente familiar. Os autores enfatizaram que esse tipo de experiência “pode significar muito mais do que uma tristeza, podendo equivaler a um blackout emocional e levar facilmente a um distúrbio grave do desenvolvimento da personalidade” (Winnicott, 1939/2005). Winnicott propõe, dessa forma, que “quanto menor for a criança, maior será o perigo de separá-la de sua mãe” (1940/2005, p. 11).

Kahazaya, inspirado pelas ideias lacanianas, chama atenção para a figura do intruso (por exemplo, o irmão que nasce e “rouba” a atenção dos pais), e para o fato de que essa figura sempre se faz presente em nossas vidas, basta haver uma relação onde se encontre confiança e amor para que ela desperte. Isso explica, por exemplo, o ciúme amoroso e a rivalidade no trabalho (que também podem evoluir para quadros mais sérios). Se o intruso está bem processado na constituição do ser, sua ameaça não será um fator de desorganização (KAHAZAYA, 2013).

Com estes exemplos já é possível refletir muito a respeito de falhas ambientais e seus efeitos no desenvolvimento de indivíduos durante o período da primeira infância. Contudo, de maneira a corroborar com esse mesmo objetivo, faz-se relevante citar um instrumento - inclusive utilizado e explicado por Omizzollo (2017) - que compartilha dessa premissa: o IRDI.

O instrumento (IRDI) é composto por 31 indicadores de risco psíquico ou de problemas no desenvolvimento infantil, observáveis nos primeiros 18 meses do bebê, de modo a privilegiar a articulação entre desenvolvimento e sujeito psíquico (OMIZZOLLO, 2017). Tem como pressuposto o fato de que esses indicadores clínicos podem ser empregados por pediatras e por outros profissionais de saúde da atenção básica em consultas regulares e podem ser úteis para indicar a

possibilidade de ocorrerem ulteriormente transtornos psíquicos do desenvolvimento infantil (KUPFER; VOLTOLINI, 2005).

Os eixos teóricos que orientam os indicadores são: suposição do sujeito; estabelecimento da demanda; alternância presença•/ausência e instalação da função paterna. Estas operações são consideradas formadoras de uma matriz que regula, organiza e determina as relações do sujeito com os outros, com os objetos, e com seu próprio pensamento (JERUSALINSKY, 2008). As operações que se organizam através destes eixos dependem essencialmente do lugar e da forma com que a mãe agirá para com o bebê e das respostas que este dará. Desta forma, os 31 indicadores que compõe o instrumento derivam destes quatro eixos subjetivos, considerando que sua presença indica “desenvolvimento” e sua ausência indica “risco para o desenvolvimento” (KUPFER, VOLTOLINI, 2005; KUPFER, et al., 2009).

Como já foi dito, o instrumento tem por objetivo ser acessível a profissionais que possam se interessar pela identificação desses fatores, o que está de acordo com a proposta dessa pesquisa. No que tange esse assunto, alguns apontamentos precisam ser feitos.

É de extrema importância que todas as informações aqui apresentadas sejam utilizadas com cuidado, ponderação e equilíbrio. Quando falamos de crianças, falamos de uma fase muito sensível. Segundo Winnicott (1966/1997), um diagnóstico fechado na primeira infância, quando pensamos em subjetividade, pode ser desastroso e iatrogênico. Isto porque tende a selar um destino onde ainda há possibilidade de modificações em virtude da plasticidade e das intercorrências que concorrem, como já se disse, para a construção singular de um lugar de sujeito. Jerusalinsky (2002) diz que a prevenção não se trata apenas de antecipar um sintoma ou evitá-lo, mas que existe algo a ser oferecido antes de as operações estruturantes fracassarem, e por isso a detecção precoce deve abarcar o desenvolvimento junto à constituição psíquica.

Salvas as recomendações, encerra-se o segundo e último capítulo desta pesquisa com uma citação do pai da psicanálise que resume aquilo a que devemos nos atentar se buscamos entender o sujeito, sua formação, e como lidar com ele:

Na vida anímica individual aparece integrado sempre, efetivamente, ‘o outro’, como modelo, objeto, auxiliar ou adversário, e, deste modo, a psicologia individual é ao mesmo tempo e desde o início, psicologia social, num sentido amplo mas plenamente justificado (FREUD, 1921, p. 7).

DISCUSSÃO

Uma vez concluído o desenvolvimento teórico, faz-se necessário o momento dedicado aos questionamentos - e possíveis conclusões - de ordem prática a que se propôs este estudo, desde o início.

O primeiro diz respeito à dicotomia entre saúde e patologia, que, como foi possível observar, é menos dicotomia e mais espectro. A definição de saúde dada pela OMS já anuncia que saúde não é o mesmo que ausência de doença, mas sim um estado completo de bem-estar físico, mental e social. Diante disso e das perspectivas apresentadas por Freud, onde todas as pessoas consideradas saudáveis também tem em si a constituição que forma a patologia, é inviável e audacioso se propor a estabelecer uma linha clara entre os dois conceitos.

Em contrapartida, tampouco tais premissas são indícios de que não se deve falar em patologias. Fazer essa distinção é importante de pontos de vista didáticos e pragmáticos. O que se pode tirar disso é que deve permanecer uma busca pelo equilíbrio, usando o conhecimento como guia mas sem finalidade segregatória ou patologizante.

Dito isso, o que parece diferenciar uma pessoa sã de uma pessoa com patologia é o domínio das pulsões, e também, é aí que entra a intervenção psicanalítica. Segundo Winograd (2007), cabe à análise tornar as pulsões acessíveis aos influxos de outras aspirações ali operantes e desviá-las de seu caminho direto e imediato em direção à satisfação. Até uma pessoa considerada sã, pode em algum momento, devido a fatores auxiliares, fragilizar-se, e é por isso que Freud alerta para o analista que dê a devida importância a aspectos etiológicos inespecíficos (FREUD, 1937 apud WINOGRAD, 2007).

Quando se pensa em fatores etiológicos o papel do psicanalista também vai se fazendo mais claro. Há pouco ou nada que se possa fazer em relação a fatores constitucionais, principalmente de uma perspectiva puramente clínica. Contudo, aqui podem-se levantar dois tópicos de extrema relevância dentro do mundo da psicanálise.

Um deles, que direciona o trabalho clínico ao tratamento e ao enfoque nos fatores externos, onde existe possibilidade de elaboração, ou de domínio das pulsões. E o outro, que leva ao questionamento de se a psicanálise pode ser preventiva ou não. Se não há nada a se fazer no que concerne os aspectos

constitucionais, é válido inquirir sobre a possibilidade de prevenção. O que direciona a resposta para o sentido afirmativo é o fato de que, lembrando Freud, nenhum dos fatores atua sozinho. Portanto, mesmo que não possamos atuar em fatores hereditários, um maior entendimento de como estes e os fatores externos funcionam, pode direcionar a psicanálise cada vez mais para esse caminho.

Para isso, precisamos pensar o trabalho psicanalítico como não estando limitado à prática clínica. É fato que dela não se pode dissociar, caso contrário toda a teoria seria colocada em xeque. No entanto, bem como nos deu exemplo o próprio Freud, também é necessário continuar atualizando os saberes e usando o manejo clínico como insumo para melhorar o entendimento da construção subjetiva. Essas atuações devem ser retroalimentadas mutuamente.

Fazendo isso, a psicanálise fica cada vez mais sólida e pode alcançar cada vez mais áreas do conhecimento. A prática clínica é aquela que mantém contato direto com a(s) realidade(s) psíquica(s), o que aproxima o conhecimento produzido a partir dela, daqueles que são seus sujeitos e, partindo desta premissa, onde houver pessoas, sociedade, vida psíquica, pode haver psicanálise.

Isso parece suficiente para dizer que ela pode sim, então, ter papel preventivo. Um exemplo evidente disso é o supracitado IRDI, que por intermédio de indicadores clínicos, em uma abordagem científica sustentada pela psicanálise, busca identificar fatores de risco para psicopatologias durante a primeira infância. A difusão desse instrumento é de extrema relevância para não somente auxiliar profissionais na identificação de riscos, mas também para demonstrar a possibilidade e a oportunidade de otimizar o alcance da teoria psicanalítica.

Com tudo isso em mente, cabem algumas reflexões finais: se o presente trabalho atingiu seus objetivos e se a hipótese foi confirmada. Lembrando o problema de pesquisa, a intenção era compreender o que as falhas ambientais na primeira infância podem acarretar à idade adulta do ponto de vista patológico.

Com o estudo do desenvolvimento libidinal, foi possível caracterizar a infância, entender seu papel fundamental e identificar suas necessidades específicas. Já a compreensão do que constituem falhas ambientais sob o olhar psicanalítico possibilitou a percepção acerca dos fatores de proteção e risco que são comuns aos casos patológicos. Ademais, reflexões paralelas como as que foram acima descritas, possibilitam o olhar pragmático, atendendo a outro objetivo do trabalho, o de reunir informações úteis que ajudem a pensar a psicanálise como

ferramenta para outros profissionais.

Já a hipótese tinha como premissa uma possível relação de causação entre manejos inadequados na infância e o desenvolvimento de psicopatologias na idade adulta. Pode-se dizer que, através deste estudo, não somente é confirmada a hipótese, como a infância aparece como um dos fatores mais relevantes para a formação de futuras psicopatologias.

Desde a escolha do tema até o último ponto, esse texto foi pensado como uma reflexão para que outros profissionais possam usufruir do conhecimento aqui construído. Outra proposição foi a de seguir um norte orientado pela psicanálise, onde Freud estabeleceu-se como principal autor pesquisado, mas outros autores figuraram e contribuíram de maneira valiosa para a conclusão das ideias. A pluralidade de olhares, torna a argumentação mais acessível aos diferentes profissionais que possam ter acesso a essa pesquisa.

Como limitações da pesquisa que abrem caminhos para novos estudos, cabem um aprofundamento acerca de características de cada uma das psicopatologias encontradas, ou então a exploração dos possíveis manejos clínicos dos exemplos apresentados. A primeira, pois é de grande importância que além de tomar conhecimento sobre o que pode causar psicopatologias, profissionais também sejam capazes de, cada vez mais, compreender o que está por trás de cada uma delas, o que pode melhorar diagnósticos e também o tratamento, o que nos leva ao segundo ponto. Abordar possibilidades de tratamento abre um debate que se alinha perfeitamente à união da clínica com a ciência.

Desse modo, as ideias aqui presentes não ficam restritas ao que está de fato escrito, mas faz morada também no mundo das ideias de quem as lê. Se um trabalho de proposta científica pode almejar algo, que seja o ensejo de outras mentes pensantes, que seja a continuidade daquilo que foi dito, que seja o aproveitamento de todas as lacunas deixadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos exemplos descritos e da ferramenta apresentada (IRDI), foi possível refletir acerca das psicopatologias e das falhas ambientais que participam em sua causação. Porém, acredito ser pela construção argumentativa que se solidifica a base deste trabalho. Por meio do entendimento do desenvolvimento da libido e também do papel do ambiente na construção da noção subjetiva, a compreensão e as possibilidades de inferências ficam aumentadas para além de uma relação simplista entre causa e efeito.

No que tange à conclusão do presente trabalho, é possível dizer que todos os profissionais ou familiares que, de alguma forma se dedicam ao trabalho infantil, tendo a possibilidade para tal, deveriam apropriar-se do máximo de conhecimento sendo produzido nessa área.

A primeira infância é determinante para o desenvolvimento psicológico, e é somente através da sua compreensão, e da compreensão das demandas de cada fase, é que se pode criar ambientes seguros, acolhedores e livres de julgamento.

Entender que o âmbito sexual não representa uma polêmica, e sim algo natural que faz parte da vida de todos os humanos, é aproximar as crianças de sua essência, e evitar conflitos e frustrações futuras. A psicanálise tem muito a contribuir nesse aspecto e deve ser cada vez mais difundida. Por meio dessa lógica, é que se dá por encerrada a pesquisa idealizada, que agora toma forma no mundo dos sentidos. Seu objetivo foi concluído, e só resta esperar que sua função científica e social seja cumprida.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sonia. **Esse sujeito adolescente**. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos: 2009.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- COUTO, Daniela Paula do. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. **Revista Psicologia em Pesquisa**. Juiz de Fora, v. 11, n. 1, 25-34, julho de 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100004.
- CYRULNIK, Boris. **Falar de amor à beira do abismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DOLTO, Françoise. **Psicanálise e Pediatria: as grandes noções da psicanálise: dezesseis observações de crianças**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1971.
- DREHMER, Luciana Balestrin Redivo. A organização psíquica e a experiência de privação: Uma revisão a partir de Freud e Winnicott. **Revista de Psicologia da IMED**, [s. l.], v. 3, ed. 1, p. 453-461, Jan-Jun 2011. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/78/71>.
- FARIAS, Francisco Rodrigues. **Histeria e psicanálise: o discurso histórico e o desejo de Freud**. Rio de Janeiro: Revinter, 1993.
- FORTES, Pâmela Cador. *Pulsão escópica: A relação entre o olhar e a fantasia na psicanálise*. 2014. 36f. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí, 2014.
- FREUD, Sigmund. (1893a). **Charcot**. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1895). **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 7, 1969.
- FREUD, Sigmund. (1910). **Cinco lições de psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XI, p. 3-51, 1980.
- FREUD, Sigmund. (1912). **A Dinâmica da Transferência**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1912-1913). **Totem e tabu**. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1988e.

FREUD, Sigmund. (1913). **A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1917). **Conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferências de XVI a XXVIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1921). **Psicologia das massas e análise do ego**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund. (1923-1925). **A dissolução do complexo de Édipo em O ego, o Id e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1933). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, 1976.

FULGENCIO, Leopoldo. A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 101-111, Junho de 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000100008.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Considerações acerca da Avaliação Psicanalítica de Crianças de Três anos – AP3**. In Lerner, R., Kupfer, M. C. M. et al. *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa*. São Paulo: Escuta, 2008.

JERUSALINSKY, Julieta. **Enquanto o futuro não vem: A psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês**. Salvador: Ágalma, 2002.

KAZAHAYA, Daniel. **Bebês, crianças e seus pares: A participação do pequeno semelhante no desenvolvimento e na constituição subjetiva**. 2014. 137f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

KLAUTAU, Perla; SALEM, Pedro. Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 33-54, fev. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-24302009000200002&lng=pt&nrm=iso.

KUPFER, Maria Cristina Machado; VOLTOLINI, Rinaldo. Uso de Indicadores em Pesquisas de Orientação Psicanalítica: Um Debate Conceitual. In Lerner, R. Kupfer, M. C. M. **Psicanálise com crianças: Clínica e pesquisa**. São Paulo: Escuta, 2005.

KUPFER, Maria Cristina Machado; JERUSALINSKY, Alfredo; BERNARDINO, Leda; WANDERLEY, Daniele; ROCHA, Paulina; MOLINA, Silvia, et al. Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath*, 6(1), 48-68. 2009.

Disponível em:
https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/bibliografia/valor_preditivo_de_indicador_2009_inedito.pdf.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro 4: a relação de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2004.

NICODEMOS, Julio Cesar de Oliveira. **Crianças e adolescentes e o uso abusivo de drogas: a clínica na intersetorialidade**. 2013. 142f. Mestrado em Psicanálise. Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: CEHA, 2013.

OMIZZOLLO, Poliana. **Experiências de (des)continuidade e o vir a ser no abrigo: desdobramentos a partir da teoria de D. Winnicott**. 2017. 61f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicanálise - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PAIM FILHO, Ignácio Alves. A. Compulsão à repetição: pulsão de morte "trans-vestida" de libido. **Rev. bras. psicanál.** São Paulo, v. 44, n. 3, p. 117-126, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000300012.

PALMA, Renato Jesus Aparecido de Praga. **A escolha da neurose na constituição do sujeito**. 2013. 95f. Mestrado em Psicanálise - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SOUZA, Andréia Aparecida Oliveira de. **A inserção de bebês na creche e a separação como operador simbólico**. 2014. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

WINNICOTT, Donald Woods. (1939). Evacuação de crianças pequenas. In: **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. (1940). Crianças e suas mães. In: **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. (1966). Autismo. In: **Shepherd, R., Johns, J.**; Robinson, H. T. (Org.). D. W. Winnicott: Pensando sobre crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WINOGRAD, Monah. Disposição e acaso em Freud: uma introdução às noções de equação etiológica, séries complementares e intensidade pulsional no momento. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 299-318, dez. 2007.